



**UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO**

**“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”**

**“A SEGUNDA VINDA DE CRISTO”**

**Uma análise sob a ótica pastoral**

**Carlos Henrique Fernandes de Souza - Matrícula: 0086957**

Rio de Janeiro

2026



**UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO**

**“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”**

**A SEGUNDA VINDA DE CRISTO**

**Uma análise sob a ótica pastoral**

**Carlos Henrique Fernandes de Souza - Matrícula: 0086957**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Esp. Antonio Lúcio Avellar Santos

Professor: Dr. Marcos Porto Freitas da Rocha

Rio de Janeiro

2026

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**AFYA UNIVERSIDADE UNIGRANRIO – BIBLIOTECA EUCLIDES DA CUNHA**

S729a Souza, Carlos Henrique Fernandes de.  
"A segunda vinda de Cristo" : uma análise sob a ótica pastoral /  
Carlos Henrique Fernandes de Souza. – Duque de Caxias, 2028.  
43 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) – Afya  
Universidade Unigranrio, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e  
Humanidades, Duque de Caxias, 2028.

Orientador: Dr. Marcos Porto Freitas da Rocha.

Referências: f. 42-43.

1. Teologia. 2. Escatologia. 3. Milenarismo. 4. Querigma. 5. Ética  
cristã. I. Rocha, Marcos Porto Freitas da. II. Afya Universidade  
Unigranrio. III. Título.

CDD – 230



**UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO**  
**“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”**

**Carlos Henrique Fernandes de Souza - Matrícula: 0086957**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Trabalho considerado APROVADO com nota 90

---

**Orientador: Prof. Esp. Antônio Lúcio Avellar Santos**

UNIGRANRIO

---

**Prof. Esp. Emilio Sandro Mesquita Peçanha**

UNIGRANRIO

---

**Prof. Dr. Márcio Simão de Vasconcellos**

UNIGRANRIO

Rio de Janeiro

2026

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho ao Deus Criador, amoroso e misericordioso e a todos os homens e mulheres que militam em prol da proclamação do evangelho e da genuína comunhão com Deus.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus, que me resgatou por sua Graça, por meio de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que entregou sua vida por amor.

À minha família, base de tudo. À minha querida esposa e companheira, Vanessa, cujo apoio e conforto constantes são fontes de força e entusiasmo para a vida. Meu amor e profunda gratidão a você. Aos meus filhos, Giselle, Carlos Eduardo e Pedro Henrique, que me acumulam de afeto e me motivam a enfrentar os desafios cotidianos; vocês são fontes de um amor inigualável e transbordante que me faz render graças a Deus diariamente. À minha querida mãe, permanente inspiração e exemplo de dedicação, cujos ensinamentos e palavras de amor e misericórdia ecoam em meu coração mesmo quando não está presente fisicamente, resgatado pela força da memória e da afeição.

Aos colegas de turma, expresso meu sincero agradecimento pelo apoio mútuo e pela convivência ao longo desta caminhada.

Por fim, manifesto minha profunda gratidão aos professores e ao Coordenador do curso. O empenho constante em nos orientar e em buscar soluções foi fundamental para o nosso crescimento, conduzindo-nos para além de uma compreensão teológica epidérmica e incitando-nos a uma reflexão profunda sobre o genuíno Evangelho. Meu muitíssimo obrigado a todos.

## RESUMO

O debate teológico sobre os eventos finais da história humana gerou correntes interpretativas complexas, como o amilenismo, o pré-milenismo e o pós-milenismo. Embora essas escolas diverjam nas cronologias e hermenêuticas, compartilham o consenso fundamental da soberania de Deus e da centralidade de Jesus Cristo. Diante disso, esta pesquisa investiga o distanciamento dessas convicções teóricas em relação ao núcleo prático e existencial da fé cristã. O objetivo central é analisar o conteúdo essencial do querigma a partir de uma abordagem pastoral, deslocando o foco da especulação escatológica futurista para a urgência da ética e da justiça contemporâneas. Metodologicamente, realiza-se uma revisão bibliográfica e documental que abrange desde perspectivas histórico-literais e conservadoras do milenarismo<sup>1</sup> até as Teologias Contemporâneas, como a Teologia da Libertação. Conclui-se que os ensinamentos e a pregação de Jesus localizam o Reino de Deus no tempo presente, estabelecendo a alteridade, a misericórdia e a comunhão *koinonia*<sup>2</sup> como os verdadeiros critérios de validação da comunidade cristã.

**Palavras-chave:** Escatologia. Milenarismo. Querigma. Ética Cristã. Comunhão.

---

<sup>1</sup> **Milenarismo** é a crença de que Cristo estabelecerá um reinado de mil anos dos santos na Terra antes do Juízo Final. (Disponível em <https://www.britannica.com>)

<sup>2</sup> **Koinonia** é uma palavra de origem grega e significa “comunhão”. Entre os cristãos, esse termo é frequentemente usado para expressar companheirismo, comunicação, compartilhar, ter em comum, participação e cooperação para com Deus e o próximo. (Disponível em <https://comshalom.org>)

## **ABSTRACT**

The theological debate regarding the final events of human history has generated complex interpretative currents, such as amillennialism, premillennialism, and postmillennialism. Although these schools differ in their chronologies and hermeneutics, they share a fundamental consensus on the sovereignty of God and the centrality of Jesus Cristo. Given this context, this research investigates the distance between these theoretical convictions and the practical, existential core of the Christian faith. The main objective is to analyze the essential content of the kerygma from a pastoral approach, shifting the focus from futuristic eschatological speculation to the urgency of contemporary ethics and justice. Methodologically, a literature and document review is conducted, spanning from historical-literal and conservative perspectives of millennialism to Liberation Theology. It concludes that the teachings and preaching of Jesus locate the Kingdom of God in the present time, establishing alterity, mercy, and communion *koinonia* as the true validation criteria for the Christian community.

**Keywords:** Eschatology. Millennialism. Kerygma. Christian Ethics. Communion.

## SUMÁRIO

|                                                                             |           |
|-----------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. Introdução.....</b>                                                   | <b>10</b> |
| <b>2. Eventos Escatológicos: a Segunda Vinda de Cristo e o Milênio.....</b> | <b>12</b> |
| <b>3. Correntes Escatológicas sobre o Milênio.....</b>                      | <b>14</b> |
| 3.1 Amilenismo.....                                                         | 14        |
| 3.2 Pós-milenismo .....                                                     | 14        |
| 3.3 Pré-milenismo Histórico.....                                            | 15        |
| 3.4 Pré-milenismo Dispensacionalista.....                                   | 16        |
| 3.5 Considerações.....                                                      | 16        |
| <b>4. Os Teólogos e seus pensamentos.....</b>                               | <b>18</b> |
| 4.1 Preâmbulo.....                                                          | 18        |
| 4.2 Agostinho de Hipona (Amilenismo).....                                   | 21        |
| 4.3 John Nelson Darby (Pré-milenismo Dispensacionalista).....               | 24        |
| 4.4 Alguns defensores do Pré-milenismo Histórico.....                       | 26        |
| 4.5 Augustus Hopkins Strong (Pós-milenismo).....                            | 28        |
| <b>5. Pontos de Convergências Teológicas.....</b>                           | <b>31</b> |
| 5.1 Linearidade Histórica.....                                              | 31        |
| 5.2 Centralidade de Cristo e de sua Vinda.....                              | 32        |
| 5.3 A Doutrina do Juízo Final e Eterna Retribuição .....                    | 33        |
| 5.4 O Estabelecimento do Estado Eterno.....                                 | 33        |
| 5.5 Síntese da verdade sobre o alinhamento Teológico.....                   | 34        |
| <b>6. Relevância teológica e pastoral.....</b>                              | <b>36</b> |
| 6.1 O Debate Teológico e Presente em Jesus Cristo.....                      | 36        |
| 6.2 Amor em ação.....                                                       | 37        |
| 6.3 O encontro improvável e sobrenatural.....                               | 38        |
| <b>7. Conclusão.....</b>                                                    | <b>40</b> |
| <b>8. Referências Bibliográficas.....</b>                                   | <b>42</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

*A religião que Deus, o nosso Pai aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo.* Tiago 1.27

O relato do Milênio, registrado em Apocalipse 20:1-6, descreve eventos circunscritos ao período literal ou simbólico de "mil anos" fornecido pela própria narrativa bíblica. Devido à sua natureza complexa, esse recorte temporal tornou-se objeto de intenso debate teológico ao longo da história, consolidando-se como um tema central na escatologia<sup>1</sup>, vejamos o texto de Apocalipse 20.5-6 NVI: *“Felizes e santos os que participam da primeira ressurreição! A segunda morte não tem poder sobre eles; serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele durante mil anos.”*

Notadamente, a densidade das pesquisas acerca desse fragmento decorre de sua continência no livro do Apocalipse, e da consequente dificuldade de interpretação de seus elementos apocalípticos. Compreender e correlacionar expressões como *“a primeira ressurreição”* e *“a segunda morte”* e sobretudo decifrar o período de *“mil anos”* exige uma análise exegética profunda e demanda um desafio hermenêutico, tanto para uma compreensão isolada de cada expressão, quanto para uma articulação coesa ao panorama teológico global.

O debate teológico em torno dos eventos finais da história humana sempre ocupou um lugar de destaque na tradição cristã, fragmentando-se em correntes interpretativas complexas como o amilenismo, o pré-milenismo e o pós-milenismo. Tradicionalmente, teólogos de diferentes eras, desde o amilenismo espiritualizado de Agostinho de Hipona, passando pelo pré-milenismo dispensacionalista de John Nelson Darby, até o pós-milenismo acadêmico de Augustus Hopkins Strong, todos se empenharam na construção de complexas redes cronológicas, semânticas e históricas para decifrar a ordem dos acontecimentos apocalípticos.

Contudo, por trás das abismais divergências hermenêuticas dessas escolas, reside um consenso dogmático basilar: a soberania de Deus sobre a história, a derrota definitiva do mal, o triunfo absoluto da justiça divina no Estado Eterno e em especial, a centralidade de Jesus Cristo, que para essa análise é a figura que molda o genuíno pensamento cristão.

Nesse corolário, verifica-se que as convicções teológicas concentram-se na natureza dos eventos intermediários e escatológicos, distanciando-se, por vezes, do núcleo prático e existencial da fé, convergindo, no entanto, inadvertidamente, para a centralidade de Cristo. É

precisamente nesse hiato que este trabalho se propõe a avançar. Adotando uma abordagem estritamente pastoral, o objetivo desta pesquisa é extrair e analisar o conteúdo essencial do querigma<sup>3</sup> cristão na vida presente, extraindo-se do eixo da especulação escatológica futurista, a verdade urgente da fé. Sobre esse distanciamento do núcleo prático da fé cristã, por meio do enfoque ou perspectivas Bíblicas, o escritor Carlos Mesters, arrazoando sobre o livro de Gênesis, em sua obra “Paraíso Terrestre – Saudade ou Esperança”, discorre:

Alguém com lentes verdes vê tudo verde. Alguém com lentes vermelhas vê tudo vermelho. É muito difícil convencer quem usa lentes vermelhas de que o verde, ou o vermelho, não vem de uma realidade externa, mas das lentes que usa, quando nem sequer se dá conta de que as está usando. Assim, **muitas das dificuldades relacionadas ao paraíso não provêm da Bíblia ou da ciência, mas da perspectiva que adotamos em relação ao texto.** (*grifo nosso*) Essa perspectiva tem pouco a ver com a Bíblia em si, mas surge da lente através da qual a lemos e interpretamos hoje. É resultado direto da nossa educação. É a estrutura tradicional que discutimos anteriormente. E não temos consciência de que estamos agindo dessa forma. Que perspectiva é essa que trazemos para a Bíblia, ou que estrutura tradicional é essa que, antes de qualquer investigação, determina nossa interpretação? É o nosso hábito de considerar a narrativa bíblica do paraíso como um relato puramente histórico e informativo. (MESTERS, p.10).

Dessa forma, investiga-se como a pregação de Jesus de Nazaré opera em um vetor diametralmente oposto ao racionalismo escatológico. Enquanto os sistemas dogmáticos se debruçam sobre o amanhã, o Cristo dos Evangelhos localiza o Reino de Deus no agora, estabelecendo a alteridade, o acolhimento e a misericórdia como os verdadeiros critérios de comunhão com o Divino. Justifica-se, assim, uma reflexão que resgate a primazia do amor ao próximo sobre o ritualismo e as fórmulas cronológicas, culminando na compreensão de que a autêntica comunidade cristã, inaugurada no Pentecostes e sintetizada no “ministério da comunhão “ *koinonia*”, se valida não pela decifração do fim dos tempos, mas pela fidelidade à justiça e à compaixão no tempo presente.

No entanto, por agora, torna-se de bom alvitre discorrer sobre algumas das teses e autores do chamado milenarismo, numa viagem que pretende percorrer uma “linha mestra”, navegando por mares de teorias distintas, conservadoras, histórico-literais e contemporâneas, tangenciando inclusive a perspectiva da Teologia da Libertação, com a finalidade de ancoragem no personagem central de todo enredo, Jesus de Nazareth, Jesus Cristo, o Senhor, o Bom Pastor, a fim de refletir sobre o genuíno ensino que conduz a proximidade com Deus, durante a vida terrena e na esperança do porvir.

---

<sup>3</sup> *Querigma é uma palavra grega “Kerygma” que significa ‘anúncio’.* Na antiguidade, os imperadores proclamavam notícias, em voz alta, nas praças (Disponível em <https://dombosco.net/portal-paroquia-sto-antonio>)

## 2. EVENTOS ESCATOLÓGICOS: A segunda Vinda de Cristo e o Milênio

De acordo com Russel Norman Champlin - Enciclopédia de Bíblia - Teologia e Filosofia, volume 5, a segunda vinda de Cristo, *parousia* em grego, se trata de uma série de acontecimentos escatológicos, cuja cronologia e interpretação são alvos de vários estudos e estudiosos, Champlin assim descreve a “*parousia*”<sup>4</sup>, baseando-se no texto de 1 Pedro 3:4,12, a saber:

A *parousia* será uma série de acontecimentos, começando com Armagedom e se estendendo até a destruição final da velha terra. O tempo do aspecto da *parousia* que acontecerá antes do milênio é desconhecido. O tempo do arrebatamento da igreja é debatido...A segunda vinda será uma série de acontecimentos e até o milênio pode ser considerado parte dela. CHAMPLIN, (2014, volume 5, p.89)

Destarte, a denominada “Segunda Vinda de Cristo” constitui um escopo temático amplamente debatido no âmbito da teologia sistemática e dos estudos sobre os eventos futuros. Diante da pluralidade de correntes hermenêuticas e interpretativas que circundam o tema, a presente pesquisa propõe-se a analisar essas diferentes vertentes. Busca-se, fundamentalmente, compreender a relevância do evento e extrair suas implicações práticas sob a ótica da teologia pastoral.

Inegavelmente, Jesus de Nazaré consolidou-se como um marco divisório na história da humanidade. Seus ensinamentos, práxis, morte e ressurreição reverberam nas multifacetadas dimensões socioculturais do mundo contemporâneo, transcendendo a esfera da fé individual.

Reconhecido historicamente e confessado pela tradição cristã como o “Filho de Deus” encarnado, Jesus viveu e morreu na condição humana. Contudo, as narrativas neotestamentárias asseveram sua ressurreição e a promessa de sua *parousia*, o retorno para a consumação da salvação de seus fiéis. Esse postulado escatológico encontra-se registrado perfeitamente no Evangelho de João, capítulo 14, versículos de 1 a 4, conforme se observa na transcrição a seguir, extraída da Nova Versão Internacional:

Não se perturbe o coração de vocês. Creiam em Deus; creiam também em mim. Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver. Vocês conhecem o caminho para onde vou.

---

<sup>4</sup> **Parusia** vem do grego “**parousia**” que significa uma “presença, chegada ou visita”. (Disponível em <https://www.centrodombosco.org>)

Diante do questionamento estritamente cronológico acerca de quando ocorrerá a parousia, emergem debates complexos sobre o Milênio, visto que a segunda vinda de Cristo está indubitavelmente atrelada a esse período milenar. Essa correlação é estabelecida de maneira distinta por perspectiva teórica da escatologia. Consequentemente torna-se imperativo analisar o livro do Apocalipse<sup>5</sup>, especialmente no capítulo 20, que descreve o evento do Milênio.

A narrativa acerca do Milênio fundamenta-se no livro de Apocalipse 20. 1 a 6, trecho que delimita eventos cronologicamente circunscritos ao período de “mil anos”, conforme fornecido pelo próprio texto bíblico. Devido à sua complexidade, os acontecimentos atrelados a esse recorte temporal tornaram-se objeto de intensos debates e investigações exegéticas ao longo da história da Igreja, consolidando-se como um tema central no âmbito da teologia sistemática, com especial relevância para os estudos de caráter escatológicos.<sup>6</sup>

As exegeses acerca do Milênio, também denominado Reino Milenar, apresentam significativa diversidade hermenêutica, o que historicamente resultou na formulação de distintas correntes interpretativas. Somada a essa pluralidade, observam-se subdivisões internas decorrentes de divergências teóricas mesmo entre autores que compartilham de uma mesma matriz teológica. Por conseguinte, torna-se inviável abranger, neste único estudo, todas as nuances e variações interpretativas relacionadas ao tema.

Assim, a presente pesquisa delimitará seu enfoque às correntes majoritárias, propondo um exame comparativo dos pontos de maior dissonância. O intuito é identificar convergências fundamentais e fundamentar a escatologia cristã: a esperança do porvir como decorrência da urgência do presente em Jesus de Nazaré, o Cristo cuja parousia é aguardada

Para o desenvolvimento deste estudo, serão destacadas quatro correntes interpretativas acerca do Milênio, as quais buscam responder a três questionamentos fundamentais: a **cronologia** do evento em relação à parousia, ou seja, *quando* ocorrerá o período milenar, e a **natureza** do período, se de caráter literal e físico ou simbólico e espiritual, isto é, *como* se dará.

---

<sup>5</sup> **Apocalipse** é Último livro do Novo Testamento que contém as revelações sobre o destino da humanidade, feitas a São João, o Evangelista, na ilha de Patmos. em grego clássico: ἀποκάλυψις - *apokálypsis*, derivado das palavras ἀπό e καλύπτω, que significam, literalmente, “uma descoberta”) é uma divulgação ou revelação de grande conhecimento.

<sup>6</sup> **Escatologia**: Etimologia (origem da palavra *escatologia*). Do grego skór.skatós /escato/ + logia.substantivo feminino Doutrina que se dedica ao estudo das coisas que devem acontecer no final dos tempos (fim do mundo).[Teologia] Doutrina que analisa o destino final da espécie humana e da Terra (mundo).

### 3. CORRENTES ESCATOLÓGICAS SOBRE O MILÊNIO

#### 3.1 O Amilenismo

Não obstante a etimologia do termo Amilenismo<sup>7</sup> sugerir a estrita negação de um milênio, essa vertente escatológica não abdica de sua existência, mas propõe uma interpretação eminentemente alegórica e espiritual do período. Sob essa ótica, o Milênio corresponde a uma realidade mística inaugurada historicamente na primeira vinda de Cristo. Consequentemente, a perícopes de Apocalipse 20 é interpretada de forma simbólica pelos proponentes dessa linha teórica. Que compreendem o reino milenar como um processo dinâmico e concomitante à era da Igreja, o qual culminará em sua consumação triunfante por ocasião da parousia. Destarte, o amilenismo assevera que Cristo já exerce sua soberania atual, cuja plenitude e vitória absoluta manifestar-se-ão publicamente apenas no fim dos tempos.. Vejamos o Artigo FABAPAR, Teorias Escatológicas, Explicações parciais de um futuro desconhecido, de Josemar Valdir Modes:

O termo “amilenismo” é utilizado para designar a crença na inexistência de um milênio literal, diferentemente das visões pré-milenista e pós-milenista, que esperam um reinado físico de Cristo na Terra por mil anos. O prefixo “a-” indica negação, mas não significa que os amilenistas rejeitem totalmente o conceito de milênio. Em vez disso, eles interpretam o milênio de Apocalipse 20 como uma metáfora do período atual, entre a ascensão de Cristo e sua volta futura para julgar os vivos e os mortos. MODES (2024, p.104)

Conforme exposto no *e-book* "As 4 Escolas Escatológicas", de Germano Soares Silva, a corrente amilenista defende que o Reino Milenar é uma realidade presente. Sob essa perspectiva, o milênio está em curso na era atual, caracterizando-se pelo governo soberano de Cristo e pela participação dos santos em uma dimensão celestial.. Nesse sentido, esse período (milênio) estende-se até a segunda vinda de Cristo, ocasião em que ocorrerão a ressurreição geral, o Juízo Final e a consumação escatológica com o estabelecimento de novos céus e nova terra.

#### 3.2 O Pós-Milenismo

Acredita que o Milênio antecede a segunda vinda de Cristo, porém difere do Amilenismo ao enfatizar um progresso histórico concreto. Segundo essa interpretação, o Milênio será um período de paz, justiça e prosperidade resultante da expansão global do Evangelho.

---

<sup>7</sup> **Amilenarismo** (em grego: a- “não” + milenarismo) na escatologia cristã, portanto significa sem milênio.

Nessa perspectiva, a influência dos princípios cristãos levará a uma transformação significativa da sociedade, de modo que a maioria da humanidade viverá em conformidade com os ensinamentos bíblicos. Após esse período, ocorrerá uma breve liberação de Satanás, seguida pela segunda vinda de Cristo, que culminará em seu julgamento definitivo. Analisemos a citação de MODES sobre o pós-milenismo, Segundo BOETTNER (1957, p. 14 *apud* MODES, 2014, p. 106):

O pós-milenismo se destaca entre as correntes escatológicas por seu otimismo em relação ao progresso espiritual e social do mundo. Ele entende que o milênio não é um período futuro inaugurado pela vinda de Cristo, mas um tempo anterior ao Seu retorno, durante o qual o Evangelho será amplamente disseminado e transformará as estruturas sociais e culturais do mundo. Essa interpretação pode ser tanto literal, como um período de mil anos exatos, quanto simbólica, representando uma era prolongada de prosperidade espiritual.

### 3.3 O Pré-Milenismo Histórico

Defende uma explicação exata do Milênio como um reinado terreno de Cristo com duração de mil anos, iniciado após sua segunda vinda. Nesse período, Cristo conduzirá de forma visível, frequentemente associado à cidade de Jerusalém.

Nessa perspectiva, ao final do Milênio, Satanás será libertado e incitará uma rebelião das nações contra o Governo de Cristo. Tal revolta será prontamente rechaçada, resultando na condenação definitiva de Satanás e dos ímpios. Em seguida, ocorrerão o Juízo Final e o estabelecimento do estado eterno.

O Pré-Milenismo Clássico é uma corrente escatológica que sustenta que a volta de Jesus Cristo ocorrerá antes do estabelecimento de um reino literal de mil anos na Terra, conforme mencionado em Apocalipse 20.1-6. Ao longo da história da igreja, esta visão tem se destacado por sua interpretação literal das profecias bíblicas, especialmente no que se refere ao retorno visível de Cristo, à ressurreição dos justos, e ao juízo final que sucederá o período milenar. (MODES, 2014, p. 106).

Vejamos ainda WALVOORD (1974, p. 92-98 *apud* MODES, 2014, p. 107):

O Pré-Milenismo Clássico exerce grande influência no pensamento teológico cristão, especialmente em movimentos que buscam um entendimento literal das Escrituras. Sua ênfase na segunda vinda de Cristo e no governo milenar serve como uma esperança escatológica para os fiéis, oferecendo uma perspectiva de restauração completa da criação. Além disso, essa corrente escatológica tem sido relevante em debates contemporâneos sobre a relação entre Israel e a Igreja, uma vez que considera o reino milenar como o cumprimento de promessas feitas a Israel no Antigo Testamento.

### 3.4 O Pré-Milenismo Dispensacionalista

Essa corrente escatológica defende a literalidade do Milênio e sua ocorrência cronológica de forma posterior à parousia. Adicionalmente, a vertente introduz uma rígida distinção teológica entre Israel e a Igreja, asseverando que Deus desenvolve seus planos e dispensações distintas para cada um desses grupos. Sobre essa perspectiva MODES cita:

O dispensacionalismo surgiu no contexto do evangelicalismo protestante, particularmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, no século XIX. A abordagem foi formulada por John Nelson Darby (1800-1882), líder dos Irmãos de Plymouth. Darby introduziu a ideia de que a Igreja e Israel são dois grupos distintos com papéis específicos no plano divino e enfatizou o arrebatamento pré-tribulacionista como um evento iminente. A popularização dessa corrente ocorreu principalmente com a publicação da Bíblia de Referência Scofield, em 1909, que trouxe notas explicativas com uma leitura dispensacionalista das Escrituras (SCOFIELD, 1909, p. 2 *apud* MODES, 2014, p. 107).

Nesse modelo teórico, o Reino de Deus teria sido inicialmente oferecido a Israel, na primeira vinda de Cristo, mas foi rejeitado. Por conseguinte, teria havido uma suspensão temporária desse plano, com a inauguração de uma nova fase voltada à Igreja. Na perspectiva do Pré-Milenismo Dispensacionalista, o Milênio, portanto, representaria a retomada do plano divino para Israel, incluindo o cumprimento literal das promessas do Antigo Testamento, com a restauração de Jerusalém e a exaltação do povo judeu.

### 3.5 Considerações

Convém esclarecer que, independentemente da abordagem adotada, literal ou simbólica, o número mil, comumente interpretado como um símbolo de plenitude e completude tem um significado intenso e universal para os cristãos. Ele simboliza a esperança da vitória final sobre o mal, a restauração do reino de Deus e a promessa da renovação de todas as coisas.

O Milênio proporciona aos cristãos um cenário de esperança, em que o sofrimento e a maldade serão finalmente sobrepujados. Essa esperança, que perpassa diferentes interpretações escatológicas, reflete a certeza de que Deus cumprirá suas promessas, restaurando tudo o que foi corrompido pela queda do homem. A promessa de um tempo de paz, justiça e verdade, onde o mal será derrotado e o Reino de Cristo estabelecido finalmente. Embora as diversas interpretações sobre a natureza exata do Milênio, seu impacto na vida cotidiana dos cristãos é expressivo. A promessa do retorno de Cristo e do estabelecimento do Seu Reino entusiasma e movimenta a maneira como os fiéis vivem.

O Milênio, independentemente da perspectiva teológica adotada, representa uma das promessas mais profundas e transformadoras da fé cristã. Ele não só aponta para um conserto futuro, mas também desafia os cristãos a existirem de maneira que reflitam os valores do Reino de Deus aqui e agora. A expectativa triunfo decisivo sobre o mal é um manancial contínuo de esperança e motivação para aqueles que aguardam a consumação do plano divino.

O retorno pessoal de Jesus Cristo, desde o início, notadamente no período da patrística<sup>8</sup> foi associado à ideia de um milênio ou de um reinado de Cristo sobre a terra por um período de mil anos. Os que creem nessa proposição foram conhecidos como quiliastas<sup>9</sup>.

Millard J. Erickson, em sua obra: Introdução à Teologia Cristã ou Teologia Sistemática, assevera que, desde a morte dos apóstolos até o tempo de Orígenes, um dos “pais da igreja”<sup>10</sup>, o pré-milenarismo foi a fé dominante na Igreja. Essa doutrina asseverava que as Escrituras ensinam a aguardar um milênio ou um reino universal de justiça sobre a terra, o qual seria inaugurado pelo regresso pessoal e visível de nosso Senhor Jesus Cristo. Contudo, no século V, Agostinho de Hipona postulou que a própria Igreja constituía o Reino de Deus na terra. Em decorrência dessa mudança de paradigma hermenêutico, as teses do quiliastro<sup>1</sup> perderam espaço, deixando de receber destaque significativo até o advento da Reforma Protestante<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> **Patrística:** filosofia cristã formulada pelos *padres da Igreja* nos primeiros cinco séculos de nossa era, buscando combater a descrença e o paganismo por meio de uma apologética da nova religião, calcando-se freq. em argumentos e conceitos procedentes da filosofia grega.

<sup>9</sup> **Quiliastas:** seguidores do quiliastro (ou milenarismo), uma doutrina cristã que interpreta literalmente a promessa de um reinado de mil anos de Cristo na Terra. Sugere que os predestinados desfrutarão de prazeres terrenos após o julgamento final. O termo deriva do grego *chilioi* (mil) e é sinônimo de milenarismo

<sup>10</sup> **Pais da Igreja:** teólogos, bispos e líderes influentes dos primeiros séculos do cristianismo (aprox. II ao VII d.C.) que estabeleceram as bases doutrinárias, ortodoxia e interpretação bíblica após a era dos apóstolos

<sup>11</sup> **Reforma Protestante:** movimento religioso, político e social do século XVI, iniciado por Martinho Lutero em 1517 com a fixação das 95 Teses na Alemanha, que questionou práticas da Igreja Católica, como a venda de indulgências. Resultou na divisão do cristianismo ocidental e no surgimento de igrejas

## 4. OS TEÓLOGOS E SEUS PENSAMENTOS

*Mas se a morte é o fim, no sentido de objetivo alcançado, então tudo valeu a pena. Morrer é viver mais e melhor.* Leonardo Boff.

### 4.1 Preâmbulo

A vida de Jesus de Nazaré como homem, bem como sua morte e ressurreição, constituem os acontecimentos mais extraordinários e impactantes da história da humanidade. Desde o seu nascimento humilde em Belém até a sua morte dolorosa na cruz e sua gloriosa ressurreição ao terceiro dia, sua trajetória marcou profundamente não apenas a história religiosa, mas também a formação moral, espiritual e cultural de inúmeros povos ao longo dos séculos. Sua existência terrena revelou ao mundo uma nova perspectiva sobre Deus, sobre o próximo e sobre o verdadeiro sentido da vida humana.

Durante o seu ministério, o Nazareno deixou ensinamentos que ultrapassam gerações e continuam ecoando no coração daqueles que buscam uma vida pautada na justiça, no amor e na fé. Em sua convivência com as pessoas, especialmente com os pobres, enfermos, pecadores e marginalizados, demonstrou um exemplo perfeito de compaixão, misericórdia e caridade. Seu modo de agir ensinava tanto quanto suas palavras, revelando que o verdadeiro amor se manifesta em atitudes concretas de serviço, perdão e acolhimento. Sua vida tornou-se, portanto, um modelo de conduta para todos aqueles que desejam viver segundo os princípios do cristianismo.

Além disso, Jesus de Nazaré trouxe à humanidade uma mensagem de esperança que ultrapassa os limites da existência terrena. Em seus discursos e parábolas, apontou para a realidade do Reino de Deus e para a promessa da vida eterna na casa do Pai. Sua mensagem não se restringia apenas às necessidades do presente, mas também direcionava o olhar dos seus seguidores para o porvir, despertando no coração humano a esperança de um futuro glorioso junto a Deus. Essa esperança fortalece o cristão diante das dificuldades da vida, oferecendo consolo em meio ao sofrimento e sentido diante das incertezas da existência.

Em suas palavras e em sua maneira de viver, o Mestre deixou princípios fundamentais para que seus discípulos pudessem viver em harmonia, paz e amor. Seus ensinamentos

ênfatizavam valores essenciais como humildade, fé, perdão, reconciliação e amor ao próximo. O verdadeiro discípulo de Cristo é chamado a refletir essas virtudes em sua caminhada diária, vivendo não apenas uma religião exterior, mas uma transformação interior capaz de influenciar toda a sociedade. Dessa forma, o cristianismo apresenta-se não somente como um conjunto de crenças, mas como um estilo de vida, fundamentado no amor e na verdade.

Ao mesmo tempo em que ensinava sobre os aspectos da vida presente, Jesus de Nazaré também anunciava acontecimentos futuros relacionados à consumação dos tempos. Entre esses ensinamentos destaca-se a promessa de sua segunda vinda, evento que ocupa lugar central na esperança cristã. Essa promessa despertou, ao longo da história, grande interesse entre estudiosos, teólogos e líderes religiosos, especialmente no campo da escatologia, área da teologia que se dedica ao estudo das últimas coisas, como o retorno de Cristo, o juízo final, a ressurreição dos mortos e o Milênio.

Percebe-se, portanto, que a vida, a morte e o porvir estão profundamente interligados dentro da perspectiva cristã. A esperança futura não pode ser separada da maneira como o cristão vive no presente. A fé cristã não se limita à expectativa da eternidade, mas influencia diretamente a vida cotidiana daqueles que vivem em Cristo. Nesse sentido, a esperança não é uma fuga da realidade, mas uma força transformadora que sustenta o fiel em sua caminhada terrena. Podemos observar assim, a relevância do estudo escatológico em harmonia com a vivência humana, SCHWAMBACH, Claus – Estudos Teológicos – Artigo - Esperança no Horizonte do pensar sacramental, em seu artigo cita:

Escatologia para Leonardo Boff, não é um tema isolado da teologia, que trata apenas dos temas derradeiros como morte, ressurreição, juízo final, consumação do ser humano e do cosmo, mas uma perspectiva intrínseca ao todo da história e da realidade humana e cósmica e, por conseguinte, intrínseca ao todo da teologia que procura refletir sobre elas. (SCHWAMBACH, 2008, p.77).

O apóstolo Paulo de Tarso expressa essa verdade de maneira profunda em sua carta aos Filipenses 1:21, ao declarar: *“Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro.”* Essa afirmação demonstra que a vida do cristão encontra sentido pleno em Cristo, enquanto a morte deixa de ser vista apenas como fim, passando a representar o encontro definitivo com Deus. A esperança cristã transforma, assim, a compreensão da existência humana, oferecendo uma perspectiva eterna para a vida e para a morte.

Já no Evangelho de João, encontramos uma profunda construção teológica acerca da esperança futura e da vida eterna. Seus escritos conduzem o leitor a uma reflexão sobre a relação entre o presente e o futuro, entre a experiência da fé do presente e a promessa da eternidade. Por essa razão, torna-se de grande importância o estudo da escatologia cristã, especialmente no que se refere à segunda vinda de Cristo e ao Milênio, temas que despertam debates e diferentes interpretações dentro da teologia cristã.

Ao analisarmos os pensamentos de diversos estudiosos acerca desses assuntos, percebemos que, mais do que simplesmente compreender eventos futuros, é necessário refletir sobre o significado espiritual e pastoral de todas essas verdades. Questões como vida, morte, esperança, eternidade e Reino de Deus não devem ser tratadas apenas como temas teóricos ou doutrinários, mas como realidades que influenciam diretamente a vivência da fé cristã. O mais importante não é apenas conhecer detalhes sobre o futuro, mas compreender de que maneira essa esperança transforma o presente e conduz o cristão a uma vida mais próxima de Deus.

Assim, refletir sobre o Milênio, a volta de Cristo e o porvir significa também refletir sobre o propósito da existência humana e sobre aquilo que realmente importa. A esperança cristã aponta para uma vida de comunhão eterna com Deus, mas também convida o ser humano a viver desde agora segundo os valores do Reino. Dessa maneira, a fé em Cristo une passado, presente e futuro em uma única realidade de esperança, amor e redenção. Vejamos no evangelho de João 14. 1-31 Nova Versão Internacional:

"Não se perturbe o coração de vocês. Creiam em Deus; creiam também em mim. Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver. Vocês conhecem o caminho para onde vou". Disse-lhe Tomé: "Senhor, não sabemos para onde vais; como então podemos saber o caminho?" Respondeu Jesus: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim. Se vocês realmente me conhecessem, conheceriam também o meu Pai. Já agora vocês o conhecem e o têm visto". Disse Filipe: "Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta". Jesus respondeu: "Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de eu ter estado com vocês durante tanto tempo? Quem me vê, vê o Pai. Como você pode dizer: 'Mostra-nos o Pai'? Você não crê que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu lhes digo não são apenas minhas. Pelo contrário, o Pai, que vive em mim, está realizando a sua obra. Creiam em mim quando digo que estou no Pai e que o Pai está em mim; ou pelo menos creiam por causa das mesmas obras. Digo-lhes a verdade: Aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas, porque eu estou indo para o Pai. E eu farei o que vocês pedirem em meu nome, para que o Pai seja glorificado no Filho. O que vocês pedirem em meu nome, eu farei". "Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos. E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre, o Espírito da verdade. O mundo não pode recebê-lo, porque não o

vê nem o conhece. Mas vocês o conhecem, pois ele vive com vocês e estará em vocês. Não os deixarei órfãos; voltarei para vocês. Dentro de pouco tempo o mundo já não me verá mais; vocês, porém, me verão. Porque eu vivo, vocês também viverão. Naquele dia compreenderão que estou em meu Pai, vocês em mim, e eu em vocês. Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama. Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me revelarei a ele". Disse então Judas ( não o Iscariotes ): "Senhor, mas por que te revelarás a nós e não ao mundo? " Respondeu Jesus: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra. Meu Pai o amará, nós viremos a ele e faremos nele morada. Aquele que não me ama não guarda as minhas palavras. Estas palavras que vocês estão ouvindo não são minhas; são de meu Pai que me enviou. "Tudo isso lhes tenho dito enquanto ainda estou com vocês. Mas o Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que eu lhes disse. Deixo-lhes a paz; a minha paz lhes dou. Não a dou como o mundo a dá. Não se perturbem os seus corações, nem tenham medo. "Vocês me ouviram dizer: Vou, mas volto para vocês. Se vocês me amassem, ficariam contentes porque vou para o Pai, pois o Pai é maior do que eu. Isso eu lhes disse agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vocês creiam. Já não lhes falarei muito, pois o príncipe deste mundo está vindo. Ele não tem nenhum direito sobre mim. Todavia para que o mundo saiba que amo o Pai e que faço o que meu Pai me ordenou. Levantem-se, vamo-nos daqui! " João 14:1-31

## **4.2 Agostinho de Hipona**

### **(Amilenismo)**

Agostinho de Hipona, originalmente chamado Aurelius Augustinus Hipponensis, foi considerado um dos mais importantes Pais da Igreja e um dos principais pensadores do período patrístico. A Patrística constituiu uma fase fundamental da formação do pensamento cristão, marcada pelo esforço intelectual e teológico de consolidar as bases doutrinárias da fé cristã diante das influências filosóficas da Antiguidade e das constantes divergências religiosas existentes nos primeiros séculos da Igreja.

Agostinho nasceu no ano de 354 d.C., na cidade de Tagaste, localizada na região da Numídia, território pertencente ao Império Romano e correspondente, atualmente, à Argélia. Filho de Patrício, um pagão convertido ao cristianismo pouco antes da morte, e de Mônica, uma cristã fervorosa posteriormente canonizada pela Igreja Católica, Agostinho recebeu sólida formação intelectual desde a juventude. Destacou-se principalmente nos estudos de retórica e filosofia, áreas que exerceram profunda influência sobre sua futura produção teológica e filosófica.

Durante parte significativa de sua juventude, Agostinho viveu distante dos princípios do cristianismo. Em sua busca pela verdade e pelo conhecimento, aproximou-se de diferentes correntes filosóficas e religiosas, dentre elas o maniqueísmo, doutrina dualista que defendia a existência de forças opostas entre o bem e o mal. Além disso, teve uma vida marcada por experiências mundanas e pela busca dos prazeres materiais, aspecto que ele próprio reconhece posteriormente em seus escritos autobiográficos. Sua conversão ao cristianismo ocorreu após

um intenso processo de reflexão intelectual e espiritual, influenciado especialmente pelos ensinamentos de Ambrósio de Milão e pela filosofia de Platão e dos neoplatônicos<sup>12</sup>.

Em 395 d.C., Agostinho tornou-se bispo da cidade de Hipona, cargo eclesiástico que ocupou até sua morte, ocorrida em 430 d.C. Durante esse período, dedicou-se à defesa da doutrina cristã contra heresias e à elaboração de importantes reflexões filosóficas e teológicas. Sua influência foi tão significativa que ultrapassou os limites da Antiguidade, alcançando profundamente o pensamento medieval e moderno. Além disso, fundou a Ordem Agostiniana, comunidade religiosa baseada em princípios de vida comunitária, estudo e espiritualidade. Séculos depois, essa mesma ordem religiosa teria entre seus membros o monge alemão Martinho Lutero, personagem central da Reforma Protestante iniciada em 1517, movimento que transformou profundamente a história do cristianismo ocidental.

Fortemente influenciado pela filosofia grega, Agostinho acreditava que a razão e a filosofia poderiam servir como instrumentos auxiliares para a compreensão da fé cristã. Em sua concepção, fé e razão não eram elementos incompatíveis, mas complementares, pois o conhecimento racional poderia conduzir o homem à compreensão das verdades divinas. Essa perspectiva tornou-se uma das principais marcas de seu pensamento e exerceu enorme influência sobre a filosofia medieval, especialmente na escolástica<sup>13</sup>.

Entre suas obras mais importantes destaca-se Confissões, considerada uma das primeiras autobiografias da literatura ocidental. Nessa obra, escrita em tom profundamente introspectivo e confessional, Agostinho relata sua trajetória de vida, suas inquietações espirituais, seus erros da juventude e o processo de conversão ao cristianismo. Ao abordar temas como o pecado, o hedonismo<sup>14</sup>, o maniqueísmo<sup>15</sup> e a busca pela verdade, o autor constrói uma reflexão filosófica e espiritual sobre a condição humana e a relação do homem com Deus.

Outra obra de grande relevância é A Cidade de Deus, escrita em contexto de crise do Império Romano após a invasão de Roma por bárbaros em 410 d.C. Nessa obra, Agostinho procura responder às críticas dirigidas ao cristianismo e desenvolve a ideia da existência de

---

<sup>12</sup> Disponível no site [brasilecola.uol.com.br](http://brasilecola.uol.com.br)

<sup>13</sup> **Escolástica:** Uma vertente filosófica (século IX a XVI) situada no período medieval com fortes influências do cristianismo e da filosofia grega, especialmente o aristotelismo. O principal nome desta corrente é São Tomás de Aquino, que buscou conciliar fé e razão, religião e filosofia.

<sup>14</sup> **Hedonismo:** é uma doutrina filosófica e ética que coloca o prazer como o principal objetivo da vida. A palavra tem origem no grego "hedoné"

<sup>15</sup> **Maniqueísmo** é uma doutrina religiosa e filosófica que defende a existência de uma dualidade essencial entre o bem e o mal. Foi fundada na Pérsia no século III

duas cidades simbólicas: a Cidade de Deus, fundada no amor a Deus e voltada para a vida eterna, e a Cidade dos Homens, baseada nos interesses terrenos e no apego às paixões humanas. Além de discutir importantes dogmas cristãos, a obra apresenta profundas reflexões sobre política, moral, justiça, história e sociedade, tornando-se um dos textos mais influentes da filosofia cristã e da tradição ocidental. É justamente essa obra que servirá como objeto central deste estudo.

Para Agostinho o milênio não é literal, o milênio é agora. Na obra o autor mostra contraste entre a Cidade Terrena e a Cidade de Deus, enfatizando que os cristãos estão no mundo e participam da vivência social. A visão do clérigo sobre a história é realista, quem é o cidadão do céu? O cidadão do céu não se esconde da vida nesse mundo, pelo contrário, ele participa intensamente, vejamos, a obra *A Cidade de Deus*, Agostinho (2001, p. 392, 393): “Nossa mais ampla acolhida à opinião de que a vida do sábio é vida de sociedade. Porque donde se originaria, como se desenvolveria e como se alcançaria seu fim a Cidade de Deus...se não fosse vida social a vida dos santos?”

Na sua hermenêutica de Apocalipse 20, Agostinho conclui que a passagem não se trata de maneira cronológica ou literal, se abstendo que estabelecer a data do fim das coisas, no sentido escatológico. Ele vê o tempo presente como sendo os últimos, assim afirma que o milênio é agora, numa construção que conhecemos, onde o milênio é o tempo da Graça, o amilenismo. Agostinho afirma no Livro 22, (2001, p.p. 1529, 1530):

Aqueles aos quais estas palavras levaram a acreditar que a primeira ressurreição será corpórea, adotaram sobretudo esta opinião por causa dos mil anos, pensando que todo esse tempo deve ser como o sabá dos santos, onde eles repousarão após os trabalhos de seis mil 1469 Apocalipse 20: 1-6. Santo Agostinho – *A cidade de Deus* (Livro 22 – A felicidade dos santos) 1530 anos que terão decorrido desde que o ser humano foi criado e precipitado da felicidade do paraíso para as misérias da vida mortal, para que, segundo estas palavras: Há uma coisa, caríssimos, de que não vos deveis esquecer: um dia diante do Senhor é como mil anos e mil anos como um dia 1470. Seis mil anos então decorridos seriam seis dias. O sétimo, ou seja, os últimos mil anos, seria o sabá dos santos que ressuscitarão para solenizá-lo.

O clérigo utilizando argumentos bíblicos e lógicos concluindo que os mil anos não são literais, e consolidando a ideia que a igreja já vive os mil anos, onde satanás está preso e Cristo reina, através de sua igreja, vejamos Livro 22 (2001 p.p. 1531, 1532, 1538):

O número mil é o cubo de dez, com dez vezes dez fazendo cem. Mas isto é uma figura plana e, para torná-la um sólido, é preciso multiplicar cem por dez e isso faz mil. 1474 Marcos 3: 27. Se as Escrituras se servem do número cem para se referir a uma quantidade indefinida, como quando Nosso Senhor promete àquele que deixar tudo para segui-lo que ele receberá o cêntuplo

e possuirá a vida eterna, o que o Apóstolo expressa ao dizer que o cristão possui todas as coisas, mesmo que pareça não ter nada e também segundo estas palavras: “O mundo é o tesouro do fiel”, tanto mais o número mil deve significar a universalidade. Este também é o melhor sentido que se pode dar às palavras do Salmo: Ele se lembra eternamente de sua aliança, da palavra que empenhou a mil gerações, ou seja, a todas as gerações. Ora, o diabo não somente foi preso quando a Igreja começou a se espalhar da Judeia para as nações, mas ele o está também agora e estará até o fim dos séculos, quando deve ser solto.

Conforme o site seminário Presbiteriano JMC, dentre outros teólogos considerados Amilenistas podemos citar: Martinho Lutero, Clérigo Alemão e principal articulador da Reforma Protestante (1483-1546); João Calvino, teólogo Francês e um dos principais líderes da Reforma Protestante (109-1564); e Abraham Kuyper, teólogo dos Países Baixos (1837-1920).

### **4.3 John Nelson Darby**

#### **Pré-milenismo Dispensacionalista**

O dispensacionalismo, conforme a análise historiográfica compartilhada pelo Seminário Presbiteriano José Manoel da Conceição, consolidou-se como um sistema teológico e hermenêutico em meados do século XIX, na Inglaterra. O principal arquiteto e disseminador dessa corrente foi o teólogo John Nelson Darby (1800–1882). Nascido em Westminster, Londres, Darby atuou inicialmente como ministro da Igreja Anglicana (Igreja da Irlanda), mas rompeu com a instituição para liderar os chamados Irmãos de Plymouth (*Plymouth Brethren*). Sob sua liderança, o movimento passou a sustentar que havia resgatado verdades escatológicas e eclesiológicas que permaneceram obscurecidas ou negligenciadas ao longo da história da Igreja, rompendo formalmente com a tradição teológica majoritária da Reforma Protestante.

O núcleo metodológico do dispensacionalismo de Darby baseia-se na aplicação rígida da hermenêutica literalista-gramatical, especialmente na interpretação da literatura apocalíptica e profética. Essa abordagem resultou em duas bases fundamentais: a distinção absoluta e permanente entre Israel e a Igreja como dois povos distintos de Deus com destinos proféticos separados, e a divisão da história da salvação em eras ou “dispensações” específicas, nas quais Deus administra Sua revelação e testa a fidelidade humana sob diferentes responsabilidades. Para os dispensacionalistas, a dispensação é um período de

tempo em que o homem é testado em relação à sua obediência a alguma revelação específica de Deus.

A difusão desse movimento, do nascedouro europeu para a sua ampliação em nível global ocorreu de forma intensa no início do século XX, impulsionada por um fenômeno editorial sem precedentes: a publicação da Bíblia de Referência de Scofield, em 1909. O idealizador dessa obra foi o estadunidense Cyrus Ingerson Scofield (1843–1921), cuja trajetória profissional envolveu o direito e a política antes de sua conversão e posterior ordenação como ministro leigo congregacional. Utilizando a renomada King James Version, Scofield popularizou as teses de Darby. As notas de rodapé inseridas por Scofield funcionaram como um comentário teológico embutido que induzia o leitor a enxergar as divisões dispensacionais nas Escrituras, transformando o dispensacionalismo na escatologia dominante do evangelicalismo e do fundamentalismo norte-americano ao longo de grande parte do século XX.

Os comentários de Scofield sobre Apocalipse 20.6, adotam teor de literalidade quanto aos mil anos da prisão de satanás e o Reino Milenar de Jesus, vejamos uma interpretação contida na no *e-book* C.I. Scofield – Manejando Bem a palavra da Verdade:

Depois dos julgamentos purificadores que acompanharão o retorno pessoal de Cristo à Terra, ele reinará sobre Israel restaurada e sobre a Terra por mil anos. Esse é o período normalmente chamado de milênio. A sede de seu poder será Jerusalém, e os crentes, inclusive os que foram salvos na dispensação da graça, isto é, a igreja, se associarão a ele e sua glória. Mas quando Satanás for “solto por um pouco de tempo”, encontrará o coração natural muito propenso a praticar o mal, como sempre, e facilmente reunirá as nações para a batalha contra o Senhor e seus santos, e essa última dispensação terminará, como todas as outras, com julgamento. O grande trono branco será estabelecido, os ímpios mortos serão ressuscitados e definitivamente julgados e, em seguida, virão o novo céu e a nova terra. A Eternidade se iniciará. SCOLFIELD, (2010, p.16).

Nos escritos de John Nelson Darby, podemos observar mais uma vez sua visão literal e dispensacionalista a respeito do tem escatológico, incluindo ainda uma visão separada entre Israel e a Igreja, na sinopse dos livros do Novo Testamento, vejamos:

Depois de se terem cumprido os mil anos, Satanás é libertado. Vem à Terra, mas nunca mais recupera um lugar no Céu. As nações são postas à prova pela sua tentação. Nem mesmo o fato de ter visto a Cristo e de ter gozado os frutos da Sua glória põe em segurança o coração do homem! Se a sua segurança dependesse de simples meios, nunca estaria seguro! Em quantidades tão numerosas como a areia do mar, os homens caem nas mãos de Satanás, desde

que sejam tentados! Embora gozando da bênção numa época em que a infidelidade seria a ruína imediata (talvez a morte), e onde nada haverá para os tentar, serão infiéis logo que a tentação lhes sobrevenha, logo que os seus corações sejam postos à prova. É a última e necessária prova do homem; necessária, porque ele não poderia gozar finalmente de Deus com o seu coração natural — e o seu coração natural não é posto à prova quando a bênção atual depende do reconhecimento de um Cristo presente visível e glorioso. As multidões seduzidas, já não limitadas à terça parte da Terra, isto é, a um distrito profético especial, mas compreendendo toda a extensão da Terra, vão contra o campo dos santos e cercam-no, assim como a cidade bem-amada, Jerusalém. DARBY (2019, p.1574, 1575).

#### **4.4 Alguns defensores do Pré-milenismo Histórico**

O Pré-milenismo Histórico diferenciava-se do Pré-milenismo Dispensacionalista principalmente por sustentar que a Igreja passará pela chamada Grande Tribulação antes do retorno visível de Cristo. Para os dispensacionalistas, esse período é literalmente um período de tribulação e sofrimento como nunca houve nem nunca haverá. Para outros teólogos contemporâneos, como Leonardo Boff, no artigo “Quando a grande tribulação chegar à terra” (2014), é um “cenário de crises socioambientais e os sofrimentos globais atuais, gerados pela desigualdade, pela exploração desenfreada e pela degradação da Terra”, indubitavelmente é um período de grande crise da humanidade.

Regressando ao ponto de discordância entre o Pré-milenismo Histórico e o Dispensacionalista, enquanto este último estabelece uma separação mais rígida entre Israel e a Igreja e defende, em muitos casos, o arrebatamento Pré-tribulacional, o Pré-milenismo Histórico entende que os cristãos enfrentarão períodos de intensa perseguição e sofrimento antes da segunda vinda de Jesus e da instauração do reino milenar descrito no capítulo 20 do livro de Apocalipse.

Esse ponto de vista é considerado por muitos estudiosos como a forma mais antiga de interpretação milenista dentro do cristianismo. Suas origens remontam ao final do século I d.C. e ao início do século II, período em que a Igreja ainda sofria perseguições do Império Romano e desenvolvia suas primeiras formulações doutrinárias. A expectativa de um reino literal de Cristo na Terra após sua volta era comum entre diversos cristãos primitivos, especialmente aqueles influenciados pela literatura apocalíptica judaica e pelas interpretações literais das profecias bíblicas.

De acordo com o e-book “As 4 Escolas Escatológicas”, entre os principais defensores dessa perspectiva destacam-se importantes Pais da Igreja, como Irineu de Lyon (c. 130–202 d.C.), discípulo de Policarpo, que por sua vez teria sido discípulo do apóstolo João. Irineu defendia a crença em um reino milenar futuro e literal de Cristo na Terra, conforme exposto em sua obra *Contra as Heresias*. Outro importante nome foi Tertuliano (c. 155–220 d.C.), um dos mais influentes escritores cristãos da Antiguidade, que também sustentava expectativas escatológicas de caráter milenista. Da mesma forma, Hipólito de Roma (c. 170–235 d.C.) desenvolveu interpretações proféticas detalhadas sobre o fim dos tempos e o reinado futuro de Cristo.

Merece destaque ainda Papias de Hierápolis (c. 70–155 d.C.), frequentemente citado pelos historiadores da Igreja como um dos primeiros representantes do quiliasmo — termo utilizado na Antiguidade para designar a crença no reino milenar de Cristo. Papias interpretava diversas profecias de maneira literal e influenciou significativamente autores cristãos posteriores.

Ao longo da história, o Pré-milenismo Histórico perdeu espaço durante a Idade Média, sobretudo após a ampla influência do amilenismo formulado por Agostinho de Hipona, cuja interpretação simbólica do milênio tornou-se predominante na cristandade ocidental por muitos séculos. Contudo, a visão Pré-milenista voltou a ganhar força em determinados círculos protestantes após a Reforma e especialmente entre estudiosos interessados em escatologia bíblica literal.

Entre os defensores modernos e contemporâneos do Pré-milenismo Histórico, destaca-se Isaac Newton (1642–1727). Embora amplamente reconhecido por suas contribuições revolucionárias à física e à matemática, Newton dedicou grande parte de sua vida ao estudo da teologia e das profecias bíblicas. Seus escritos escatológicos demonstram profundo interesse pelos livros de Daniel e Apocalipse, nos quais buscava compreender a cronologia dos eventos finais da história humana. Newton acreditava que as profecias bíblicas deveriam ser interpretadas com rigor e coerência histórica, mantendo posições que, em vários aspectos, aproximavam-se do Pré-milenismo Histórico.

Assim, o Pré-milenismo Histórico consolidou-se como uma das mais antigas e influentes correntes escatológicas do cristianismo, exercendo impacto significativo tanto na teologia patrística quanto em diversos movimentos protestantes posteriores.

#### **4.5 Augustus Hopkins Strong (Pós-milenismo)**

Para o teólogo Russel Norman Champlin, em sua abrangente e enciclopédica obra *Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia*, o Pós-milenismo se define essencialmente por sua cosmovisão esperançosa em relação ao porvir e ao papel da agência humana na Terra. Ao contrário das visões escatológicas concorrentes, que frequentemente preveem um declínio moral e institucional irreversível da sociedade antes do fim dos tempos, a tese pós-milenarista estabelece que o Reino de Deus se expandirá de forma gradual, orgânica e transformadora dentro do próprio tecido histórico. Sobre isso discorre crítica, vejamos:

Essa é a posição que diz que a vinda de Cristo não antecederá, mas antes, eguir-se-á ao milênio, o qual, por sua vez, é definido como uma espécie de conversão da humanidade, por meio dos esforços da igreja. Agostinho, em sua *Cidade de Deus*, parece ter sido o genitor dessa ideia. Supunha ele que a igreja não somente converteria ao mundo, mas também o governaria de modo bem real, produzindo uma era áurea espiritual. A vinda de Cristo ocorreria em resposta a isso, não sendo a “parousia” o agente da introdução do milênio... O Pós-milenismo tende a ir morrendo nos tempos modernos, conforme o mundo vai piorando e a igreja se vai corrompendo e debilitando. (CHAMPLIN, 2014, v. 4, p. 277)

Os defensores dessa vertente não compreendem o "milênio" mencionado no texto bíblico de Apocalipse 20 como um período literal de exatamente mil anos delimitado por marcos cronológicos rígidos, nem como um reino político estabelecido por uma intervenção catastrófica imediata. Em vez disso, postula-se a ocorrência de uma autêntica "era de ouro" espiritual e social. Essa era se caracteriza pelo triunfo do Evangelho em escala global, mediado pela fidelidade da Igreja na proclamação de sua mensagem. Sob essa ótica, a Segunda Vinda de Jesus Cristo ocorre, precisamente, após a plena maturação e consolidação desse período de pacificação, justiça e Cristianização das nações.

Embora o Pós-milenismo tenha ganhado contornos sistemáticos mais definidos a partir do puritanismo e do iluminismo teológico dos séculos XVII e XVIII, suas sementes conceituais remontam aos primórdios da reflexão cristã, especificamente ao período da Patrística. A noção de que a mensagem cristã possuía uma força intrínseca capaz de subjugar

as estruturas imperiais e transformar a cultura global encontrou eco em mentes brilhantes da Igreja Primitiva.

Conforme documentado pelo pensamento reformado e por registros historiográficos do eclesiasticismo, como os preservados pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (JMC), figuram entre os mais célebres e precoces entusiastas desse otimismo histórico os teólogos Eusébio de Cesareia (260–339 d.C.) e Atanásio de Alexandria (296–373 d.C.).

Em sua obra *História Eclesiástica*, Eusébio de Cesareia, frequentemente reverenciado como o "Pai da História Eclesiástica", testemunhou a transição dramática da Igreja de uma minoria brutalmente perseguida para a religião oficial do Império Romano, sob Constantino. Essa guinada histórica influenciou profundamente sua teologia, levando-o a enxergar nos decretos imperiais e na progressiva cristianização do mundo romano o cumprimento palpável das profecias veterotestamentárias sobre o avanço do Reino de Deus na Terra. Em seu livro, *História Eclesiástica*, EUSEBIO de Cesareia, capítulo 5, p. 388, relata:

Como há muito percebemos que a liberdade religiosa não deveria ser negada, mas que deveria ser permitida a opinião e desejos de cada um cumprir os deveres divinos segundo sua própria determinação, tínhamos dado ordens para que cada um, e os cristãos entre eles, tivesse a liberdade de observar a religião de sua escolha e o seu modo peculiar de adoração...Portanto, como eu, Constantino Augusto, e eu, Licínio Augusto, chegamos sob auspícios favoráveis a Milão e tomamos sob consideração todos os negócios pertinentes ao benefício e bem-estar público, estas coisas entre outras nos pareceram ser muito vantajosas e proveitosas a todos. Resolvemos, entre as primeiras coisas, ordenar aqueles assuntos pelos quais a reverência e culto à Deidade pudessem ser exibidos. É assim que podemos conceder aos cristãos e a todos igualmente a livre escolha de seguir o tipo de adoração que quiserem. Que qualquer divindade e poder celestial que possa existir seja propício a nós e a todos os que vivem sob nosso governo. Portanto, **decretamos a seguinte ordenança, como nossa vontade, com a intenção mais saudável e correta, que nenhuma liberdade seja recusada aos cristãos para seguirem ou manterem suas observâncias ou culto.**(grifo nosso)

Paralelamente, Atanásio de Alexandria, o implacável defensor da ortodoxia trinitária contra o arianismo, articulou em sua teologia soteriológica<sup>16</sup> e cosmológica<sup>17</sup> a convicção de que a encarnação do Verbo inaugurara uma era de restauração cósmica. Para Atanásio, a vitória de Cristo sobre a morte e o erro não era um evento místico abstrato, mas uma realidade

---

<sup>16</sup> Parte da teologia que estuda a salvação da humanidade.No cristianismo, doutrina da salvação realizada por Jesus Cristo.

<sup>17</sup> Ciência que trata das leis gerais que regem o universo. (Disponível em <https://www.dicio.com.br>)

dinâmica que dismantelava progressivamente o paganismo e a idolatria, expandindo a soberania espiritual de Deus sobre a humanidade de maneira visível e cumulativa.

À medida que a teologia se modernizava e se estruturava em disciplinas formais, o Pós-milenismo encontrou defensores intelectuais que traduziram esse otimismo patrístico em sofisticados sistemas dogmáticos. Nos Estados Unidos do século XIX, um período marcado por grande efervescência missionária, reformas sociais e expansão territorial, essa vertente escatológica atingiu seu ápice de articulação acadêmica.

O principal expoente dessa fase foi Augustus Hopkins Strong (1836–1921), cuja erudição moldou gerações de pensadores protestantes. Em sua obra *Teologia Sistemática* (Volume 2), Strong formulou uma defesa rigorosa da cronologia Pós-milenista com base na soberania do Espírito Santo e na eficácia dos meios de graça conferidos à Igreja. Strong argumentava de forma veemente que o milênio não deveria ser aguardado como um milagre físico externo, desvinculado do processo histórico atual, mas sim como o ápice de um longo e perseverante esforço evangelístico. Para o teólogo norte-americano, o milênio representará um estado de paz espiritual, justiça social e supremacia moral da Igreja que se manifestará plenamente antes da Parusia (a Segunda Vinda de Cristo).

Strong sustentava que a agência invisível, porém onipotente, do Espírito Santo, operando através da pregação da Palavra e da ação ética dos crentes, purificaria gradualmente as instituições humanas, as artes, as ciências e as leis. Somente após a história humana atingir esse estágio culminante de conformidade com os princípios divinos é que o cenário estaria devidamente preparado para o retorno corpóreo de Cristo, a ressurreição final e o julgamento último.

A análise entre a perspectiva enciclopédica de Russel Norman Champlin, as fundamentações patrísticas de Eusébio e Atanásio, e a precisão dogmática de Augustus Hopkins Strong revela que o Pós-milenismo é substancialmente mais do que uma mera especulação sobre o futuro. Trata-se de uma eclesiologia militante e vitoriosa, que localiza a manifestação do poder de Deus dentro dos limites do tempo e do espaço através do ministério da Igreja. Os teólogos pós-milenaristas propuseram que o destino final da humanidade sob a providência divina não é o colapso, mas o triunfo pleno da verdade e da paz.

## 5. PONTOS DE CONVERGÊNCIAS TEOLÓGICAS

### 5.1 A Linearidade Histórica (Amilenismo, Pré-milenismo e Pós-milenismo)

Assim, diante do conteúdo abordado, pode-se inferir pela existência de pontos de congruência. O primeiro e mais evidente ponto de convergência entre as três teorias reside na rejeição da concepção cíclica do tempo. Para todos os estudiosos aderentes às teorias em lide, a história humana não é um eterno retorno cósmico, tampouco um encadeamento caótico de eventos ao acaso; ela é governada pela providência e caminha em direção a um *telos*, ou seja, um fim definitivo estabelecido pelo Criador, em que pese a narrativa bíblica no livro de Eclesiastes 1.9, a saber: “O que foi tornará a ser, o que foi se fará novamente; não há nada novo debaixo do sol.” Essa narrativa pode ser compreendida sobre o modo de viver e as ações do ser humano, esses se repetem, mas os desdobramentos são diversos e distintos. Dessa forma, os desdobramentos e consequências da vida material e do nosso modo de agirmos e reagirmos diante do próximo estarão sempre vinculados ao nosso relacionamento com o Divino.

Disso podemos extrair um pensamento cristão, uma lição, que verdadeiramente reverbera no mundo espiritual, qual seja: a história humana está contínuo deslinde individual, formada em meio aos diversos desafios sociais, relacionais, emocionais que redundam em decisões ou reações; essas reações, essas decisões definem nossa trajetória enquanto seres humanos aqui na terra, e projetam aos outros, se estivermos alicerçados nos exemplos cristãos de compaixão, o amor, compreensão e a misericórdia, refletindo o verdadeiro sentido da vida cristã, o amor, pregado por Jesus de Nazareth.

Antes de continuarmos torna-se de bom conselho evocar um conceito sobre a trajetória de vida individual ou de uma sociedade, retratada pelo Escritor e Historiador Caio Prado Júnior, na obra *Formação do Brasil Contemporâneo*, vejamos:

Todo povo tem na sua evolução vista à distância, um certo “sentido”. Este se percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que constituem num largo período de tempo. Quem observa aquele conjunto, desbastando-o do cipoal de incidentes secundários que o acompanham sempre o fazem muitas vezes confuso e incompreensível, não deixará de perceber que ele se forma de uma **linha mestra** (grifo nosso) e ininterrupta de acontecimentos que sucedem em ordem rigorosa, e dirigida sempre numa determinada orientação. JUNIOR (2015, p. 15)

A ideia de linha mestra denota as escolhas, decisões que fazem parte de um ser humano intrínseco a um organismo social que desaguará em um caminho determinado, nesse sentido, num olhar cristão, a linha mestra a ser seguida são os exemplos de Jesus de Nazaré.

Em A Cidade de Deus (Livro XI), Agostinho de Hipona assevera que a história é o palco do desenrolar de duas cidades, a terrena e a celestial, cujo ápice dramático ocorrerá na separação final determinada pelo juízo divino. Essa visão teleológica é integralmente partilhada por John Nelson Darby em sua obra *The Hopes of the Church of God*, “as esperanças da igreja de Deus”. Embora Darby divida a história em dispensações de testes humanos, ele sustenta rigidamente que cada era cumpre um desígnio profético unificado que culminará na manifestação da glória de Deus.

Semelhantemente, Augustus Hopkins Strong, em sua Teologia Sistemática, no Volume 3, ancora seu Pós-milenismo na premissa de que a evolução histórica é progressiva e linear, movida pela imanência e transcendência do Espírito Santo. Logo, a despeito das diferentes leituras sobre as etapas do percurso, os três autores concordam que a história possui começo, meio e um desfecho apoteótico, controlado pela soberania divina. Entretanto, a nossa vida espiritual, na esperança do porvir, está indubitavelmente ligada à nossa conduta terrena, seguindo o modelo que traça a “linha mestra”, Jesus de Nazaré.

## **5.2 A Centralidade de Cristo e de sua vinda**

Outro elo dogmático entre as três escolas é a centralidade na pessoa de Jesus Cristo e a afirmação unânime dos autores na Parousia, isto é, o retorno visível, físico e corpóreo de Jesus Cristo à Terra. Nenhum dos autores reduz a Segunda Vinda a uma mera metáfora existencial ou a um avivamento meramente espiritual.

Agostinho, no Livro IX de A Cidade de Deus, discorre sobre a mediação e centralidade de Jesus de Nazaré, o Cristo, que se assemelhou ao mortal para que os mortais pudessem se aproximar daquele que é imortal. Para John Nelson Darby, a vinda de Cristo é o coração da escatologia e o motor do dispensacionalismo. Em seus pensamentos teológicos, Darby enfatiza que o retorno do Messias se desdobrará em etapas, mas sempre mantendo o caráter literal e pessoal da manifestação do Filho de Deus. Vejamos o que escreve no livro 9 Agostinho de Hipona (2023, p. 605, 606):

Era necessário que nem fosse excluído da mortalidade nem constrangido a permanecer mortal. Tornou-se, de fato, mortal, não por enfraquecimento da divindade do Verbo, mas por assunção da fraqueza da carne. Mas não permaneceu mortal na carne, que Ele ressuscitou dos mortos. O fruto da sua mediação é precisamente este: que aqueles para cuja libertação se fez mediador não permaneçam mais na morte perpétua da carne. Foi, pois, necessário que o mediador entre Deus e nós possuísse uma mortalidade transitória e uma felicidade permanente, para se poder acomodar aos mortais no passageiro e levá-los de entre os mortos ao que permanece. Strong, por sua vez, reflete essa mesma convicção ortodoxa. Mesmo defendendo que o milênio ocorre antes da Parousia por meio da pregação vitoriosa da Igreja, ele deixa claro em sua dogmática que a “era de ouro” terrena não substitui a necessidade do retorno físico de Jesus. Para Strong, a história humana é incapaz de se auto-redimir em plenitude; o ápice absoluto da redenção exige a intervenção visível e majestosa de Cristo para inaugurar o estado eterno.

### **5.3 A Doutrina do Juízo Final e a Eterna Retribuição**

A realidade do Juízo Final atua como o grande divisor de águas teológico que encerra a história humana, e neste aspecto os três pensadores demonstram absoluta harmonia doutrinária. A execução da justiça divina para a punição do mal e a recompensa dos justos é um dogma inegociável em suas respectivas obras.

Agostinho dedica grande parte das conclusões de A Cidade de Deus (Livro XXI) para detalhar a natureza do juízo, a punição eterna dos ímpios e a bem-aventurança dos santos, argumentando que a justiça de Deus exige a prestação de contas definitiva da humanidade. Darby apóia esse rigor conceitual ao mapear os juízos dispensacionais em seus escritos proféticos. O autor destaca o Tribunal de Cristo e o Grande Trono Branco como realidades literais da justiça divina, onde Deus retribuirá a cada um segundo as suas obras e sua posição em relação à graça.

Strong segue exatamente a mesma linha ao estruturar as seções sobre escatologia em sua Teologia Sistemática. Ele defende que o encerramento da história será marcado por uma sessão judicial cósmica em que a santidade de Deus será vindicada perante todas as criaturas, resultando na separação eterna entre salvos e condenados.

### **5.4 O Estabelecimento do Estado Eterno**

Por fim, o destino final da criação converge para o mesmo cenário glorioso em todos os três sistemas analíticos: a inauguração do Estado Eterno, a completa erradicação do pecado e a comunhão perfeita entre Deus e a humanidade redimida.

Agostinho conclui sua obra, *A Cidade de Deus*, descrevendo o repouso eterno da Cidade Celestial no “sábado que não tem fim”, onde a criação recupera sua harmonia perfeita com o Criador. Darby ensina que, após a destruição final do mal e o término do Reino Milenar, todas as dispensações convergem para o “Estado Eterno”, onde Deus será “tudo em todos” e a distinção entre as esferas celestial e terrena encontrará sua perfeita harmonia. Strong adota a mesma resolução escatológica ao descrever os “Novos Céus e Nova Terra” como a consumação da união mística entre Cristo e a Sua Igreja, livre das máculas da queda.

### **5.5 Síntese da verdade sobre o alinhamento Teológico**

Como citamos em *Eclesiastes* 1.9, “não há nada novo debaixo do sol”, que aponta para um vazio de novidade nas ações humanas, as quais tendem a se repetir de forma cíclica e monótona na história material. A Conexão de Cristo: Jesus quebra esse vácuo de ciclicidade ao introduzir uma perspectiva linear e teleológica. Ele se torna a “linha mestra”, conceito de Caio Prado Júnior, transposto para o campo teológico. Cristo conecta as decisões e reações individuais humanas ao divino, transformando o caminhar histórico em um deslinde com propósito, começo, meio e fim.

No desenvolvimento escatológico de Agostinho, Darby e Strong, a história humana é incapaz de se auto-redimir; ela carece de forças próprias, gerando um vácuo entre a criatura caída e o Criador imortal. A Conexão de Cristo: Jesus preenche esse vácuo assumindo uma “mortalidade transitória”. Como destaca Agostinho, Ele se conecta ao ponto da fraqueza humana, a carne, sem perder a divindade, servindo como o Mediador único. Ele resgata o homem do vácuo da morte perpétua para elevá-lo à felicidade permanente.

Noutro giro, a vida material, marcada por conflitos sociais, emocionais e relacionais, deixa um vácuo de justiça perfeita. As duas cidades, terrena e celestial, coexistem em aparente confusão no tempo presente. A figura de Cristo emerge como o padrão definitivo e o executor da justiça no Juízo Final. A harmonia doutrinária entre os autores mostra que o vácuo da impunidade e da injustiça histórica é preenchido de forma absoluta quando a santidade de Deus é vindicada por meio de Cristo, separando definitivamente o bem do mal.

A criação, desde a queda, vive em um estado de ruptura e incompletude — um vazio de comunhão perfeita e uma constante mácula do pecado. O ápice da história não é o vácuo do esquecimento, mas a intervenção majestosa e corpórea de Cristo, a *Parousia*. Ele conecta a

realidade terrena ao "Estado Eterno" o sábado sem fim" de Agostinho, e os "Novos Céus e Nova Terra" de Strong. Cristo repara o vácuo da queda, unindo misticamente a Igreja a Deus e tornando o Criador "tudo em todos".

O texto demonstra que, enquanto o homem por si só produz repetição e insuficiência (vácuo), Jesus Cristo é o vetor que confere direção, mediação e desfecho apoteótico à existência. Ele transfigura o cenário caótico da história em uma linha ininterrupta de redenção, ligando indubitavelmente a conduta terrena humana à esperança do porvir.

Dessarte, a análise de suas respectivas obras e autores demonstram que o debate escatológico milenar, o Amilenismo, Pré-milenismo e Pós-milenismo partilham da mesma fundação dogmática na Centralidade de Jesus Cristo, presente na linearidade do tempo, no Juízo Final, no Estado Eterno, ou seja, a diversidade de teorias escatológicas, inadvertidamente deságua num vácuo, guiado por uma linha mestra e preenchido na pessoa de Jesus de Nazareth. E é sobre esse conteúdo essencial e prático na vida cristã que extraímos, a partir de uma ênfase pastoral, aquilo que realmente tem importância na vida presente, em observância a Jesus de Nazareth, que reverberará e demonstrará a nossa comunhão com o Divino.

## 6. RELEVÂNCIA TEOLÓGICA E PASTORAL

A análise comparativa e por aglutinação das respectivas obras e vertentes interpretativas demonstra que as três grandes correntes do debate escatológico cristão, independentemente da linha adotada, compartilham de consenso basilar: a história humana pertence à soberania de Deus, o mal cosmológico e moral será definitivamente derrotado, o Cristo encarnado retornará de forma visível e gloriosa, e a justiça divina triunfará de maneira absoluta na consumação do Estado Eterno.

Portanto, as interpretações teológicas que historicamente dividem as escolas de pensamento concentram-se, fundamentalmente, na ordem cronológica e na natureza semântica dos eventos intermédios, como a Grande Tribulação, o Milênio e o Arrebatamento, e não no núcleo de proclamação essencial da fé cristã, o amor de Deus, por meio de seu Filho, Jesus Cristo, entretanto, converge, inadvertidamente, na pessoa de Jesus de Nazareth. Isso significa que dependem dEle, assim como nos afirma o texto em Mateus 22.37-40:

Jesus respondeu: Ame ao Senhor, o seu Deus, com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todo o seu entendimento.” Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: “Ame ao seu próximo como a você mesmo.” Desses dois mandamentos **dependem toda a Lei e os Profetas.** (*grifo nosso*)

É precisamente sobre esse conteúdo essencial e seu desdobramento na prática cristã que este trabalho se propõe a avançar. A partir de uma abordagem notadamente pastoral, buscou-se desvelar e extrair o ethos, ou seja, o sentido ético e existencial da escatologia, priorizando aquilo que se manifesta como imprescindível na vida presente.

A parousia, a segunda vinda, quando compreendida sob a ótica dos ensinamentos de Jesus de Nazaré, não opera como uma mera projeção cronológica futurista, mas como uma força motriz ética que reverbera na realidade atual, chancelando e demonstrando a autêntica comunhão da criatura com o Criador. No horizonte cristocêntrico, a consumação dos tempos não anula o compromisso com o presente; ao contrário, intensifica-o por meio da alteridade e do cuidado com o próximo.

### 6.1 O Debate Teológico e o Presente em Jesus Cristo

Enquanto uma complexa rede de construção histórica, cronológica e semântica mobilizou pensadores de diferentes eras, como Agostinho de Hipona, proeminente defensor da leitura amilenista espiritualizada; John Nelson Darby, sistematizador do Pré-milenismo

dispensacionalista; e Augustus Hopkins Strong, expoente do pós-milenismo teológico, a pregação de Jesus de Nazaré opera em um vetor diametralmente oposto. Enquanto os sistemas teológicos acadêmicos e eclesiais debruçam-se sobre a decifração de sinais apocalípticos e cronogramas proféticos, o querigma de Jesus se concentra de forma contundente no presente histórico e cultural, isto é, na manifestação imediata do Reino de Deus na terra através do amor e da justiça.

Essa primazia da ética do presente sobre a especulação do porvir manifesta-se de forma explícita no Novo Testamento. No Evangelho de João, Jesus estabelece o parâmetro da verdadeira comunhão e amizade divina não pelo domínio da gnose escatológica, mas pela obediência amorosa: “Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos ordeno” (João 15:14). Na sequência, o próprio Cristo delimita o escopo dessa ordem ao afirmar: “O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (João 15:12).

Logo, verifica-se que o critério de validação do discípulo não repousa na sua capacidade de mapear o fim dos tempos, mas na sua prontidão em encarnar o amor sacrificial na horizontalidade das relações humanas.

## **6.2 Amor em ação**

Essa centralidade ética é corroborada nos Evangelhos. Ao ser inquirido sobre a hierarquia dos mandamentos em Mateus 22:37-40, Jesus sintetiza toda a tradição jurídica e profética de Israel em um duplo mandamento indissociável: o amor a Deus e o amor ao próximo como a si mesmo. Desta lição valorativa, o Cristo deduz que “destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas”. O edifício da revelação judaico-cristã não se sustenta sobre a especulação escatológica, mas sobre a fidelidade prática a esses dois pilares.

Para ilustrar a inutilidade da ortodoxia religiosa desprovida da finalidade correta, Jesus recorre à célebre Parábola do Bom Samaritano (Lucas 10:25-37). Na narrativa, evidencia-se o abismo entre a religiosidade estéril, representada pelas figuras do Sacerdote e do Levita, que priorizam a pureza ritual em detrimento do socorro ao moribundo, e a verdadeira religião, manifestada no samaritano herético que se move de íntima compaixão. Nesse sentido, em foco as teses milenaristas em lide, a débil tentativa de prever o futuro escatológico perde força diante do mandamento do acolhimento e da misericórdia. Ao apropriar-se do oráculo profético

de Oseias, Jesus declara em repetidas ocasiões: “Misericórdia quero, e não sacrifício” (Mateus 9:13; 12:7).

Com isso, o Nazareno sublinha que o culto ritualístico, as discussões dogmáticas e as fórmulas escatológicas são secundárias perante a conduta movida pela compaixão e pela fé viva. São as atitudes concretas de justiça social e acolhimento que, de fato, aproximam o ser humano, a criatura pecaminosa, do Deus Criador, Resgatador e Salvador.

### **6.3 O encontro improvável e sobrenatural**

No decurso do presente estudo, evidencia-se uma clara dissonância entre as correntes teológicas que interpretam o Milenarismo. O Amilenismo, o Pré-milenismo e o Pós-milenismo distanciam-se significativamente em suas perspectivas hermenêuticas acerca da narrativa bíblica de Apocalipse 20. Embora os autores tenham se empenhado exaustivamente na defesa de seus respectivos pontos de vista, subsiste a seguinte indagação: seria possível que a Escritura, por meio de sua centralidade cristológica, convergisse para além das divergências acadêmicas? Isto é, poderia o próprio Jesus Cristo ir ao encontro dos estudiosos, de modo análogo ao seu encontro com a mulher samaritana em João 4?

Sob a ótica da soteriologia, questiona-se a possibilidade de o pecador ser resgatado destituído de qualquer mérito. Com efeito, a encarnação de Jesus de Nazaré teve por escopo precípua buscar e salvar o que se havia perdido. O inesperado e miraculoso encontro entre a fragilidade humana e a santidade divina revela a essência de uma graça preveniente, que não aguarda a iniciativa humana, mas toma a dianteira na busca pelo indivíduo. Diante do abismo existente entre a limitação antropológica e a transcendência de Deus, o próprio Cristo rompe as barreiras do impossível. Essa busca ativa e intencional desmistifica a meritocracia humana, ecoando a máxima de João 15:16: *"Não fostes vós que me escolhestes a mim, mas eu vos escolhi a vós"*.

É nesse movimento de eleição soberana que o milagre da redenção se consolida, convertendo o desespero do extravio em profunda reconciliação. O cenário histórico e geográfico desse resgate assume contornos concretos no episódio em que Jesus decide transitar por Samaria, culminando no encontro junto ao poço de Jacó. Naquele diálogo, as convenções sociais, os preconceitos religiosos e as barreiras morais da época foram superados pela premência do amor divino, que perscrutava as carências e os vazios daquela alma. Assim,

as contradições humanas cederam espaço à revelação do amor e da compaixão de Cristo.

A jornada de Cristo até Samaria não configurou um mero desvio geográfico, mas um compromisso soberanamente agendado pela misericórdia para restaurar uma vida fragmentada. À semelhança daquela mulher, todo pecador experimenta o mesmo assombro diante de um Deus que se faz presente no momento mais árido e solitário da existência.

Retornando ao escopo deste estudo, propõe-se uma reflexão: seria possível conceber um ponto de convergência entre as teorias milenaristas e a pessoa de Jesus de Nazaré? Tal conciliação torna-se viável se, em vez de despendermos esforços hercúleos na defesa de teses, polarizações e elucubrações complexas, atentarmos para a abordagem de Cristo à samaritana em João 4:7: *"Dá-me de beber"*. Trata-se de uma interlocução que aproxima sem exigir justificativas e sem a pretensão de referendar debates polarizados, como a disputa histórica sobre se o culto correto pertencia aos judeus ou aos samaritanos. No que tange à hermenêutica e à compreensão das Escrituras, convém evocar a perspectiva de Carlos Mesters em sua obra *Paraíso Terrestre*:

Um livro, para ser devidamente compreendido, deve ser lido de acordo com a intenção do autor, expressa no próprio livro. Um romance de Machado de Assis, por exemplo, é automaticamente lido como um romance. Não é necessário entrevistar o autor, nem é preciso que ele escreva na capa: "Atenção! Isto é um romance!" O próprio livro, com sua estrutura e forma literária, revela sua qualidade como romance ou, em outros casos, sua qualidade como livro de história ou poesia, etc. Se houver algum engano por parte do leitor, a culpa não deve ser atribuída ao escritor. O engano surge ou da ignorância do leitor, que não sabe distinguir entre romance e história, ou das mudanças que frequentemente ocorrem nas formas de escrever livros. (MESTERS, p.12)

Nesse sentido, depreende-se que a hermenêutica bíblica deve priorizar a real intenção do Autor da vida, o qual registrou no texto sagrado mensagens de esperança e amor. Ao buscar a convergência na centralidade de Jesus de Nazaré — elemento axiomático e subjacente a todas as teses escatológicas — constata-se que Ele próprio é o Caminho, a Verdade e a Vida. Ao trilhar o Caminho, que é Cristo, o intérprete alcança a Verdade Nele estabelecida, culminando na consumação da Vida eterna e na esperança do porvir. Dessarte, qualquer objeto de estudo escatológico, quando lido e compreendido à luz da intencionalidade cristocêntrica, inevitavelmente conduzirá a um encontro transformador com o amor e a compaixão divinos, estabelecendo a ponte definitiva entre a Cidade dos Homens e a Cidade de Deus

## 7. CONCLUSÃO

O Desfecho Eclesiológico e o Ministério da Comunhão e do Amor.

Por fim, o desfecho do ministério terreno de Jesus sela, de forma definitiva, a proibição do agendamento cronológico do fim e o redirecionamento da Igreja para a sua missão histórica. Momentos antes de sua ascensão, ao ser confrontado pela última indagação dos discípulos acerca da restauração cronológica do reino político a Israel, Cristo adverte taxativamente: “Não vos compete saber os tempos ou as épocas que o Pai determinou pela sua própria autoridade” (Atos 1:7).

A resposta de Jesus desautoriza a curiosidade apocalíptica e redireciona o foco dos apóstolos para a experiência pneumatológica e missionária. Eles não deveriam especular, mas aguardar unidos e reunidos no cenáculo para que fossem revestidos com o poder do Espírito Santo.

Quando os discípulos obedecem e experimentam a efusão do Pentecostes, a teologia do porvir transforma-se em poder de ação e proclamação no presente. No emblemático sermão de Pedro em Atos 2, o apóstolo atualiza a promessa divina, purificando-a de qualquer exclusivismo nacionalista ou cronológico: “A promessa é para vós, para vossos filhos e para todos os que estão longe” (Atos 2:39).

O poder da misericórdia anunciado na pregação petrina desmancha as barreiras geográficas, temporais e sociais. Ali, sob o impacto do Espírito e na contramão da especulação apocalíptica, nasce a primeira comunidade cristã genuína, uma *ekklésia* caracterizada não pela obsessão pelo fim do mundo, mas pelo estabelecimento do ministério da comunhão “*koinonia*”, da partilha de bens e do serviço mútuo. A verdadeira escatologia cristã, portanto, cumpre-se não na decifração do amanhã, mas na fidelidade radical ao amor e à misericórdia no dia de hoje.

Sobre o amor, Karl Barth, na obra *Dogmática Eclesiástica - A doutrina da Palavra de Deus* - descreve o que o amor de Deus, por meio de Jesus de Nazaré, nos proporcionou, e ao mesmo tempo o que esse amor é e como reflete em nós e mediante nós. (BARTH, 2010, p. 401):

A plenitude do Seu amor não reside apenas no fato de Ele nos resgatar do pecado e da morte aos quais sucumbiríamos se deixados à própria sorte, mas também no fato de Ele nos reivindicar para a proclamação da Sua glória. É isso que acontece quando podemos amá-Lo. Portanto, o

amor de Deus, e é neste ponto que ele se funde com o louvor a Deus, significa que, em nossa própria existência, nos tornamos um sinal do que Deus, como o único Senhor, fez e é para nós. (grifo nosso) Como pode o amor a Deus ser inativo? Ele é pura atividade, mas apenas como resposta do homem ao que Deus lhe disse. Como resposta, é uma obra e produz obras. (grifo nosso) Mas é uma obra e produz obras porque é o testemunho da obra de Deus e, portanto, uma renúncia a toda auto glorificação e a todas as reivindicações.

Esse amor, que viabiliza a aproximação com o transcendente por meio da alteridade e da compaixão ao próximo, configura-se como um dinamismo retro-alimentar: um amor que gera amor e uma prática que frutifica em novas obras. O Reino de Deus manifesta-se essencialmente como o Reino do Amor; assim, no âmbito da *Cidade de Deus*, coexiste uma *Cidade dos Homens*, cujos sujeitos operam e comunicam o amor recebido, ratificando sua pertença à herança divina e à esperança escatológica.

Assim, a relevância da escatologia não se restringe à cronologia ou à mecânica dos eventos futuros, ou seja, o quê, como e quando ocorrerão, pois Sob uma análise minuciosa, percebe-se que as diferentes correntes de pensamento teológico, conquanto divergentes, convergem para o núcleo da esperança futura: a ressignificação do presente por meio da encarnação de Jesus de Nazaré e da redenção em Cristo. Conforme assevera o Apóstolo Paulo em sua epístola aos Filipenses 1:21: “*Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro*”. Por conseguinte, se o viver é Cristo, depreendem-se duas premissas fundamentais: primeiro, a vivência do tempo presente constitui uma realidade imperativa e histórica; segundo, essa existência deve pautar-se pelo arquétipo amoroso e misericordioso de Jesus de Nazaré.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO. PATRÍSTICA. **A cidade de Deus**, vol. 1, Paulus Editora, e-book, 2023.
- BARTH, Carl. **Dogmática Eclesiástica**, editora Fonte Editorial, 2019.
- BATISTA, Josaphat, **Escatologia Bíblica Panorâmica** – e-book – loja kindle, 2024.
- BERKHOF, Louis 1932 – **Teologia Sistemática**/Louis Berkhof, traduzido por Odayr Olivetti, - 3ª edição – Revisada\_São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- Bíblia **NVI, Bíblia do Ministro** – Edição com concordância, Editora Vida, São Paulo, 2002.
- Bíblia de estudo Palavras-chave – **Hebraico\_Grego-Dicionário\_Exegese\_Estudos Bíblicos\_Homilética**, CPAD, 2ª edição.
- SCHWAMBACH, Claus – **Estudos Teológicos – Artigo - Esperança no Horizonte do pensar sacramental. Uma abordagem da escatologia de Leonardo Boff em perspectiva protestante**, Portal de periódicos da CAPE, 2008.
- SCOFIELD, C.I. **Manejando bem a palavra da verdade** / C.I. Scofield São Paulo: Holy Bible, 2010, Distribuidora de Artigos Evangélicos Holy Bible Ltda.
- STRONG, Augustus Hopkins, **Teologia Sistemática**, volume 2, Editora Hagnos, 2003.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia**, volume 4, editora Hagnos, 2014.
- CHAMPLIN, Russel Norman, **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia** – e-book – editora Hagnos, volume 5, 2020.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento Interpretado**, versículo por versículo,, volume 6 Tiago a Apocalipse, editora Hagnos, 2014.
- DARBY, John Nelson, **Sinopse dos livros do Novo Testamento**, Editora Depósito de Literatura Cristã, e-book, 2019.
- CESAREIA, Eusebio, **História Eclesiástica, Os quatro primeiros Séculos da Igreja Cristã**, e-book, CPAD, 1ª edição, RJ, 2014.
- ERICKSON, Milard. **Escatologia - A polêmica em torno do Milênio** – e-book, editora Vida Nova, 2024
- HENRY, Matthew. **Comentários da Bíblia Sagrada: Novo Testamento, Atos a Apocalipse**, 1 edição, tradução Luis Aron, Valdemar Kroker e Haroldo Jansen, CPAD, 2008
- JUNIOR, Caio Prado, **Formação do Brasil Contemporâneo**, Editora Schwarcz S.A., 2015, São Paulo, SP.
- LOPES, Hernandes Dias, **Apocalipse o futuro chegou**, Comentários expositivos, editora Hagnos.
- MILLARD J. Erichsson, **Introdução à Sistemática**, editora Vida Nova, SP, 1992.

MODES, Josemar Valdir – **FABAPAR - Teorias Escatológicas: Explicações Parciais de um Futuro Desconhecido - Eschatological Theories: PARTIAL EXPLANATIONS OF AN UNKNOWN FUTURE** Dr., VIA TEOLÓGICA - Volume 50 - Número 25 - dez./2024 ISSN 2526-4303.

MESTERS, Carlos, Paraíso Terrestre ¿Nostalgia o esperanza? Colección Biblia # 22. Disponível em: <https://nuestrabiblia.org/contenido/uploads/2015/05/Para%C3%ADso-Terrestre.pdf> (acessado em 31/05/2026).

RADMACHER, Earl D. **O Novo comentário Bíblico do Antigo Testamento**, com recursos adicionais, 1ª edição – Editora Central Gospel Ltda, Rio de Janeiro, 2010.

SCOFIELD, C.I. **Manejando bem a Palavra da Verdade** - Distribuidora de Artigos Evangélicos Holy Bible Ltda. Avenida Tiradentes, 1390 01102-000 – 2010- São Paulo - SP – Brasil.

SILVA, Germano Soares, **As 4 Escolas Escatológicas**, e-book, Ibaderj, RJ.

Sites:

<https://leonardoboff.org/2013/01/16/minima-theologica-a-morte-da-sentido-a-vida/>

<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/>

<https://brasilescola.uol.com.br/biografia/santo-agostinho.htm>

<https://www.casadosaber.com.br/blog/escolastica-o-que-e-metodo-pensadores-e-contexto-historico>

<https://www.seminariojmc.br/o-dispensacionalismo-e-suas-implicacoes-doutrinarias/>

<https://leonardoboff.org/2014/03/21/quando-a-grande-tribulacao-chegar-a-terra-tera-enfim-seu-merecido-descanso/>

<https://dombosco.net/portal-paroquia-sto-antonio/querigma-e-catequese-qual-a-diferenca/>

<https://www.britannica.com>

<https://www.centrodombosco.org>

<https://comshalom.org>